



# Nossas tarefas políticas: a Argentina e a condição defensiva<sup>1</sup>

Ariel Pennisi

*Ensaísta, professor e pesquisador. Dirige a Red Editorial.*

Rubén Mira

*Escritor, designer gráfico e humorista. Dirige a Red Editorial.*

Tradução Murilo Duarte Costa Corrêa<sup>2</sup>

*Professor Associado de Teoria Política (UEPG)*

---

<sup>1</sup> *Nuestras tareas políticas* foi publicado em 19/08/2023 em *Tiempo Argentino*. On line em:

<<https://www.tiempoar.com.ar/politica/nuestras-tareas-politicas/>>.

<sup>2</sup> O subtítulo “a Argentina e a condição defensiva” foi acrescentado nesta versão em português brasileiro por sugestão do tradutor.

Se um dono de quiosque diz: “concordo que tenham matado aquele militante no Obelisco” e imediatamente acrescenta “não vou votar, porque quero mais segurança”; se o garoto que tem um irmão policial se empolga com Milei, embora no fundo perceba que os colegas do seu irmão, empoderados, podem vir para cima dele e dos amigos; quando novos militantes associam a década de 90 a certa prosperidade e, enquanto enquanto lhes cabe o “sonho americano”, prometem-lhes ser o Equador... A que se agarrar? Respostas, associações, raciocínios que parecem ser puxados pela linha de Ariadne de alguns algoritmos e suas loucas correlações, ou por uma eficiência que escapa por todos os lados. Não parece se tratar nem de uma parte da sociedade “direitizada”, nem de uma raiva inabarcável por esses corpos frágeis, como qualquer corpo. Claro que não é pouca coisa. Como não temer que o controle da polícia, com piscadela incluída para o exército, fique nas mãos de uma tal Villarruel, processista esbelta em seu vestido de dupla abotoadura? Mas se o fascismo fosse assim, não teria necessitado da Itália rebelada de um movimento partiano para acabar com ele, com nazistas e tudo. Há uma dimensão ridícula que não nos permite nos afastar muito do que está acontecendo, nem moralmente, nem intelectualmente, nem politicamente. Temos que lidar com o ridículo.

Talvez, o maior acerto de Milei tenha sido uma frase que soltou sem hesitar na televisão, no meio de uma de suas intervenções iracundas, comparando-se com o progressismo ou o que ele próprio considera esquerda (praticamente qualquer ideia verdadeiramente política parece de esquerda para ele): “somos melhores esteticamente”. A figura de Milei toca uma fibra fundamental naqueles que estão passando por momentos difíceis, pelo menos em uma porcentagem que até poucos anos atrás era inimaginável. Raiva? Com certeza, mas nós também – não temos raiva? Parece haver algo mais que pode ser tudo. Um desejo de mobilidade, certa relação com a aventura, com a abertura de novas possibilidades, justamente num momento em que o possível parece fechar-se sobre si mesmo, quando a vida cotidiana implode e o horizonte de futuro ou fuga é inexistente. Não há regime de verdade, mas um regime libidinal que, claro, é mais verdadeiro do que qualquer denominação ideológica. Também não vale a pena falar de “irracionalidade”, como pejorativamente se pretende denunciar esse voto. De repente, surgem desejos em

setores desanimados. E em nossa casa, como estamos? O que fazemos com nosso próprio desânimo?

A incapacidade de confrontar, a impotência que o progressismo mostrou, em vez da ousadia necessária, são o reverso da frontalidade que Milei expressa e que ameaça derrubar o sistema político. Em 2019, fizemos parte de uma construção de baixo para cima, como um dos níveis necessários para tirar Macri do poder. Voto de raiva? Vivemos uma festa naquele último trecho do ano em que se sobrepunham, de um lado, a dor pelo castigo do governo de Macri ao poder aquisitivo, a consciência de uma dívida impagável e a inflação, e, de outro, a elevação do ânimo que nos colocou na ofensiva... O *efeito puro*<sup>3</sup> era nosso meio para questionar a dívida, implementar uma política salarial, auto-reconhecimento social e ampliação de possibilidades. Mas a substituição desse *efeito* pelo *resultadismo* de uma frente partidária pronta para distribuir os cargos do Estado entre si e assumir uma forma de governabilidade conservadora, foi se impondo até assumir a decisão sobre o que era e o que não era possível, mais uma vez. Quer dizer, mais uma vez, mas em piores condições do que antes. O resultado foi que, enquanto o *Frente de Todos* se diluía em seu possibilismo, a direita ampliava suas possibilidades graças ao grande serviço de Milei. No meio da ofensiva, tínhamos escrito que quanto mais cauteloso começasse o governo do *Frente de Todos*, mais complicadas poderiam ser as condições desse processo político. “Prudência imprudente”, dizíamos.

Hoje passamos daquela ofensiva festiva para uma necessidade defensiva com rostos tristes. É a derrota do possibilismo, de um pragmatismo absurdo que não vinha colhendo vitórias, mas apenas argumentos comedidos, militantemente comedidos. É a autofagia da “rosca” como substituição da política. O peronismo passou de leão herbívoro a vegano derrotado no corpo a corpo com os falsos *gauchos* da área Rural. Estamos prestes a entrar em semanas que novamente exigirão nosso ativismo, não mais habitando a tensão desses anos entre imaginação política e o mal menor, mas em defesa de um patamar de convivência. Cabe a nós votar em nosso próximo inimigo, ratificando de alguma forma o

---

<sup>3</sup> Cf. <<http://rededitorial.com.ar/ma/puro-efecto/>>

espaço limitado que o sistema representativo tem em relação às necessidades, desejos e decisões ligados à vida coletiva. Massa se transforma em um escudo provisório (metáfora, a do escudo, que Kicillof usou referindo-se às cédulas de UP em seu discurso de encerramento da contagem). Ele é o personagem inventado para este momento, no qual devemos exigir condições de convivência e sobrevivência, enquanto continuamos a desenvolver outras formas de assumir decisões sobre assuntos comuns. Seria um erro depositar ânimo, expectativas e instinto político na urna. Pelo contrário, esse voto só tem utilidade quando é inscrito numa construção mais ampla de laços, redes, imagens, ficções úteis.

Além do ridículo, não se pode negar o componente fascista, nem a dimensão extremamente patriarcal, bem como a subjetividade proprietária que *La Libertad Avanza* (e Bullrich não fica atrás) mobiliza tão intensamente. Mas também não se pode estabelecer uma relação linear entre essas características e as razões e impulsos de quem vota neles. Há desespero, há raiva, há desilusão, há desconforto... ou seja, nem sempre há convicção nas ideias fascistas ou nas fórmulas de um liberalismo como o que Milei cospe em entrevistas e discursos. E então? Devemos formar uma frente antifascista? Não parece que seja o mais adequado, já que aqui não temos, como na Europa, essa memória, nem esse treinamento, nem esse fascismo. Além disso, parece que na França a “estratégia” não deu certo, já que Macron, fortalecido, legitimado por esse voto antifascista, começou a implementar reformas neoliberais com uma repressão sem precedentes para a democracia francesa. Temos nossas novas instituições de Direitos Humanos, começando pelas Mães [da Praça de Maio], como fundo ético e reflexo adquirido, é verdade. Uma frente feminista? Com certeza muitos estão, mas não para se envolverem mais em slogans de microclima que, para piorar, afastam os votos. Em todo caso, aprendamos com os feminismos sua capacidade de interpelar de forma transversal, de agir e afetar de maneira molecular. Reforçar a imagem do “campo nacional e popular” nos dará a massa crítica para nosso apoio crítico a Massa? Parece que reproduzir parte do problema não nos permitirá encontrar uma saída. Talvez seja hora de admitir que não temos um “O que fazer?”, e que desta vez os “O que não fazer?” são muitos... E agora? Quem sabe tenhamos

que analisar caso a caso, aguçar a percepção ao máximo para cada situação, estudar o que os fatos exigem, fuçar no que resta do nosso instinto político para convocar a partir das entranhas. Nossa tarefa é deter este avanço.

Teremos que convencer ou, pelo menos, pedir uma trégua, um favor ou um pouco de clemência àqueles que temos por perto, de forma reticular, apelando ao encontro, à conversa, à amizade quando possível e, quem sabe, aproveitar a oportunidade para estabelecer novos laços ou alianças. Os momentos defensivos nem sempre são reativos, também implicam solidariedades inesperadas, cumplicidades que prefiguram novas comunidades possíveis. A condição defensiva às vezes nos permite descobrir nas fragilidades novas potências ou habilidades existenciais que estavam adormecidas. O “salve-se quem puder” está virando a esquina, mas não estava já nesse contexto de velocidades impossíveis de suportar em corpos que, na realidade, em contradição ao desempenho, estão se deteriorando? Digamos isso mais uma vez: o desempenho é contrário à vida. A menos que nos rendamos. Quando Montaigne pretendia elogiar a filosofia dizendo que filosofar é preparar-se para a morte, ele nos dava um anticorpo para momentos como este; não apenas este momento pós-eleitoral, mas este tempo ingrato que sempre exige mais por menos, desempenho até a morte, mas sem preparação, ou seja, sem filosofia ou qualquer coisa assim.

Enquanto isso, teremos que exigir do governo que, por um lado, faça seu trabalho (peronismo, flexibilidade, ou como queiram chamar), e, por outro, que nos deixe fazer nosso trabalho, que não o manche com mais desvalorizações, com medidas que voltam atrás, com guinadas que não consideram medidas complementares ou planos B, ou seja, que não continue fazendo o que fez desde que assumiu. Após o desastre causado por Macri, a pergunta era “o que faremos com o que fizeram de nós?”, e o que o governo fez, tanto quanto o que não se atreveu a fazer, nos deixou à beira da bolsonarização. A recusa em assumir a responsabilidade pela situação em 10 de dezembro de 2019 – começando a pagar uma dívida ilegítima e impossível – a substituição da política pela negociação, a luta interna descarnada, a mesquinhez política levada a extremos que estranhamente se tornam públicos (como quando os ministros ameaçaram renunciar após uma derrota

brutal, esvaziando ainda mais o poder do governo), a visão conservadora e de curto prazo, e a atitude retraída em tempos excepcionais como os da pandemia (quando permitiram que fosse manchado o árduo trabalho de saúde, o qual nunca deveria deixar de ser reconhecido às trabalhadoras e trabalhadores, e também aos funcionários). O momento em que o mercado mostrou como é volátil e inseguro como instância coletiva, abriu a possibilidade de apostar num Estado ampliado, articulado com diversos atores sociais para, em vez de financiar grandes empresas ou mendigar das grandes fortunas, avançar com experimentações políticas como empresas-modelo, empresas públicas que incluam setores da sociedade – lembre-se do caso Vicentin como exemplo do que foi esse governo –, ou mesmo mais poder de negociação para regular um benefício para os fatores insatisfeitos do poder... Não foi assim. O mal menor e a soberba que costuma acompanhá-lo tomaram conta da cena e de cada discussão, de cada dúvida mínima ou dissidência. Bem, quando o mal menor, em vez de ser uma questão tática, situacional e momentânea, se torna uma espécie de cosmovisão, abre-se espaço para uma espiral difícil de parar, pois sempre haverá um mal maior, ou será possível fabricá-lo. Aí está Milei para testemunhá-lo.

O que também nos aconteceu? Se delegamos o ânimo e a expectativa delegando as decisões, agora não podemos delegar o fracasso. Vamos tentar alguns pontos que nos ajudem a pisar um mesmo solo – e que cada um aborde quem possa e queira, com seu estilo e estratégias próprios; que cada um voe o quanto possa e como possa, mas ao rés do chão. 1: agora não nos cabe escolher um governo que possa melhorar a situação, mas nos defender de um governo que destrua o pouco que nos contém; 2: não é verdade que, como "ninguém pode resolver os problemas", é melhor dar uma chance a quem ainda não governou; principalmente quando a promessa de um Milei conduz a uma década que se cumpriu na íntegra e deixou a taxa de desemprego mais alta de nossa história e um cemitério industrial (entre outras coisas), enquanto Bullrich não tem nada melhor para fazer do que evocar o blindado da *Alianza*, da qual fez parte e foi responsável; 3: não estão em jogo apenas "ideias" com as quais não concordamos, mas a agressão frontal aos nossos pisos básicos de subsistência e convivência, ou seja, o ataque à nossa condição material,

física e anímica; portanto, nos defenderemos, o confronto será inevitável... trabalhemos agora para não se ter de chegar a tal ponto; 4: não é verdade que o governo atual seja a mostra do que o mesmo espaço político poderia fazer se fosse eleito, já que o fato de ganhar as eleições lhe daria legitimidade e fôlego que agora não possui; 5: ao mesmo tempo, o nosso problema será o que se pode fazer com esse fôlego e essa legitimidade... Agora é hora de assumir este presente com generosidade, sair deste impasse e não voltar melhores, por favor, não! Em todo caso, voltar transformados, menos sabichões, menos eufóricos, sem triunfalismos, com mais perguntas, com uma melhor disposição para a complexidade, com uma empatia radical em relação à metade de nossas irmãs e irmãos que não aguentam mais o contato constante com a pobreza. Teremos que pensar muito bem o que significa esses quase 50% dos votos (levando em consideração a alta porcentagem de abstenção) somados entre Milei e Bullrich. Considerar essas forças que existem e atuam com efeitos muito nocivos para qualquer imagem do comum. Quando conseguirmos que esse escudo fino e provisório encarnado por Massa lute num segundo turno e, finalmente, consiga ganhar a eleição, nos encontraremos numa situação bem diferente daquele dezembro de 2019, já sem festa, mas com um pouco de alívio, e enfrentaremos uma discussão profunda, a formação de um amplo debate público e, esperamos, o fortalecimento das nossas redes de solidariedade, companheirismo e amizade. Porque somos a trama, somos feitos dos outros, é aí que o sentido do que chamamos de “nossa vida” está em jogo. E desta vez, não teremos espaço para a mesquinhez de sempre. Esperamos ter a energia para costurar algumas possibilidades neste mundo desmanchado.